

UM INCIDENTE

16-10-57

MUITO se enganam esse coronel Vieira Fernandes e os oficiais que a seu lado agrediram os estudantes se supõem que de algum modo estavam defendendo o prestígio e a respeitabilidade do Exército. Com um pouco de bom senso eles verão que é o contrário: o que fizeram é dessas coisas que só servem para impopularizar o Exército, para o apresentar como uma casta especial, cheia de direitos que o cidadão comum não tem, e munida de uma força incontrastável para afirmar esses supostos direitos.

Não vamos discutir por miúdo o incidente; parece fora de qualquer dúvida que ele nasceu dos maus nervos de um oficial que há muito tempo vinha se mostrando intolerante e ranzinza para com os estudantes. Fosse o edifício habitado por paisanos, e não haveria nunca nada, a não ser que, em caso de algum excesso da estudantada, alguém chamasse a polícia civil. Mas não houve excessos, que se saiba, a não ser por parte do oficial que ofendeu de maneira deprimente (para ele, oficial) um estudante de côr. Dizem que ofendera também uma jovem estudante. Não sabemos, não podemos saber.

O caso começa a ser deplorável quando se apela para uma força própria e descomunal: seis choques da Polícia do Exército armados de metralhadoras. E quando os oficiais começam, como se tivessem a consciência de que estavam praticando algo de condenável, a atacar aqueles que não tinham parte alguma no conflito e apenas o documentavam: os repórteres, os fotógrafos, os cinegrafistas que ali chegaram a serviço.

Esses profissionais estavam ali trabalhando, cumprindo um dever que costumam cumprir em qualquer circunstância, na guerra ou na paz, nas paradas de 7 de setembro ou nas solenidades de entrega de espadins, nas inundações e nas secas: estavam reportando e documentando fatos. Agredirlos não foi apenas uma injustiça e uma covardia: foi uma confissão de culpa.

Se o Exército entende que a Praia Vermelha lhe pertence, feche de uma vez a Praia Vermelha, faça até das areias e das ondas um monopólio de seus homens e suas famílias, seres superiores, privilegiados, especiais. Proibir que estudantes namorem e falem alto em uma praça que se entende pública é que não é possível.

Conheço um número demasiado grande de oficiais do Exército para saber que essa mentalidade de casta não exprime nem a maioria nem a melhor parte de seus quadros. Os oficiais do Exército são homens saídos do povo, e que também já foram estudantes e fizeram suas estu-dantadas.

Explorar um incidente desses é tarefa impatriótica; esperamos que as autoridades superiores se conduzam de maneira a desmanchar ressentimentos e acalmar os ânimos. Mas não devem ficar sem punição ou advertência esses que estavam tão conscientes de que agiam mal que não hesitaram em atacar os homens de imprensa que não estavam ali para lutar, a não ser a honrada luta pelo pão de cada dia.